



MAPAS ABERTOS, ESPAÇOS EXPERIMENTAIS EM CARTOGRAFIAS DE ARTISTAS

ANA JÚLIA VILELA DO CARMO¹; EDUARDA GONÇALVES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – anavilelacarmo@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dudagon@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação revela a realização de pinturas, dentro uma série intitulada *O tesouro está aqui* (Fig.1), como uma cartografia que compartilha por meios da linguagem pictórica diferentes dispositivos, um outro ponto de vista sobre as concepções do espaço na arte contemporânea. O estudo está vinculado ao projeto de pesquisa deslocamentos e cartografias contemporâneas, sob orientação da Prof Dra. Eduarda Gonçalves, com apoio de bolsa de iniciação científica PROBIC/FAPERGS. Desenvolvi a produção prática e teórica, sendo essa uma pesquisa em poéticas visuais, atentando aos procedimentos realizados no ateliê de pintura e a dimensão teórica do processo. Para isso, pesquisei concepções distintas de cartografia, seu o conceito a partir de discussões em alguns campos do conhecimento, como a definição de espaço do geógrafo Douglas Santos, Beatriz Bueno, na arte por meio de cartografias de artistas apontadas por Jacopo Crivelli, Francesco Careri, incluímos algumas reflexões acerca dos mapas realizados por artistas que referenciam a minha produção em pintura como Leonilson e Cristina Barros.



Figura 1. Montagem de apresentação da série O Tesouro está aqui + detalhe. Fonte: Ana Vilela

Os mapas, desde sua criação, passaram por diversas modificações quanto a sua funcionalidade e estética. A sua função primordial de representar o espaço como um lugar/território e/ou de demarcação é o que perpassa as distintas configurações dos mesmos em diferentes épocas. O agente básico dessas mudanças são as motivações de seus criadores junto ao contexto histórico e ideológico, ou seja, há sempre por trás um sujeito. Segundo Douglas Santos:

(...) Do ponto de vista cartográfico, o que pode nos servir de referência fundamental é que todos os mapas conhecidos, em todos os momentos da história, representam, de uma maneira ou de outra, a leitura da cosmologia subjacente a seus. (SANTOS, 2002, p. 25)

É comum nos referimos aos mapas e seus autores, os mapas de Copérnico, Giordano Bruno, Mercator e Kepler que em seu cerne revelam também um espaço ideologizado. Copérnico (1473) e sua concepção de espaço, sob a perspectiva da astronomia graças ao resgate de registros gregos que defendiam o sol como centro do sistema solar, estuda e constata a lógica geocêntrica como incerta, a partir disso propõe a concepção do heliocentrismo. As projeções produzidas em cima de seus escritos científicos são narrativas e fantasiosas.



Tanto o mapa criado com base no heliocentrismo, em que o sol assume uma antropomorfia e, as pessoas ao redor do círculo compõe uma série de simbologias narrativas, quanto o mapa criado com base em seus escritos e de Ptolomeu, que unem a observação astronômica das constelações à sua morfia mitológica dos animais e da própria astrologia.

Nos dias atuais, ainda é utilizado o mapa mundi de Mercator como configuração mais perfeita do globo terrestre e tem sido pressuposto para os estudos da geografia, história, economia e etc. Entretanto, por mais que consideremos ser ele uma representação, uma das representações, é extremamente difícil desconstruí-lo, embora tenhamos exemplo dessa transgressão representacional dos mapas mais populares nas artes visuais. Um exemplo disto é a inversão do mapa de Mercator pelo artista uruguaio Joaquín Torres-Garcia.

E mesmo que consideremos um mapa uma representação espacial, a qual podemos guiar nossos trajetos, jamais serão capazes de nos revelar o que nos proporciona o percurso. Os mapas antigos, com seus monstros, ventos, tormentas poderiam nos dar uma pista, pois são complexos, dando a ver de alguma maneira desenhado o que teremos que deslindar ao percorrer. Os mapas atuais, utilizados como guias em nossas viagens, na sua maioria baniram o sol, o vento, os monstros para racionalmente conceber a trama urbana de uma cidade. Mas além dessas considerações, nos interessa neste texto é compartilhado como as cartografias de artistas que tomadas pelo mote do cartógrafo de dar a ver um espaço através de um tipo de grafia, por meio da linguagem reinventam métodos e meios de conceber o espaço evidenciados pelos pelos métodos e técnicas da geociência.

A arte contemporânea utiliza e recria a linguagem dos mapas que muitas vezes foi desenvolvida pelo pensamento geográfico, mas também pela literatura e mitologia e, com isso modifica a representação de espacialidade de cunho estético e funcional. Retomam modos sistemáticos de reler o mundo desdobrando-os a partir de sentidos atualizados. Contam também com uma transformação da noção intrínseca de representatividade cartesiana presente no processo da geografia Mercatoriana, ou seja, segundo Santos, um sistema de projeção matemática que cria “ a relação sujeito-objeto (...) e é a partir desse deslocamento que o século XVII verá nascer o pensamento cartesiano.(SANTOS, 2009, p. 108). Distinta da representação experimental, da ordem da experiência, que segundo Larrosa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.¹ Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 21)

E nesse ínterim, os artistas evidenciam as terras ficcionais, que encontramos nos mapas em T, isso porque partem de métodos de prospecção próprios, desenvolvidos e atentos às relações pessoais em estado cultural, político, econômico e estético da relação entre o sujeito e o mundo. O teórico Jacopo Crivelli Visconti, em seu livro *Novas Derivas*, afirma que:

O uso que os artistas contemporâneos fazem dos mapas revela muito sobre a relação com os territórios em que vivem e, de um ponto de vista mais amplo,



sobre a relação de cada cultura com o entorno de onde surge. (CRIVELLI, 2013, p. 74)

Por isso, os mapas têm as configurações mais distintas, com traços comuns aos mapas que nos guiam pelas cidades desconhecidas, talhada pelo sistema de projeção dos percursos.

2. METODOLOGIA

A metodologia é a utilizada pelos artistas pesquisadores na linha pesquisa em poéticas visuais, ou seja que envolve o processo realizado em atelier e a investigação acerca da dimensão teórica do produção (REY, 1996).

Pesquisa em arte, ênfase de Poéticas Visuais, delimita o campo do artista-pesquisador que orienta sua pesquisa a partir do processo de instauração de seu trabalho prático assim como a partir de questões teóricas e poéticas, suscitadas pelas suas práticas. (REY, 1996, p. 81)

Realizei 13 trabalhos em tamanhos distintos, do pequeno ao médio formato, com tinta acrílica, guache e óleo. Os mapas pictóricos são processados por meio de recortes dos mapas geográficos encontrados em livros e em Atlas, e os recrio como novos territórios perpassados pelo imaginário. As cartografias são intituladas *O tesouro está aqui*.

Para delimitar as vistas que extraí das representações, uso um retângulo de papel vazado que delimita e posteriormente é recortado em pedaços, os quais serviram como modelo para as pinturas. Numa visão similar a de Leonilson¹, no que se refere à concepção de que um mapa pode ser uma paisagem, procurei enfatizar no resultado do tratamento pictórico a similitude ao gênero de pintura. Igualmente, na pintura os meridianos, os paralelos, as legendas são perpassadas pelas velaturas, camadas de tinta e raspagens implicadas de minha sensibilidade perceptiva. Assim como, o eivado e o rebaixamento das cores reforçam as fronteiras dissipada. As palavras escritas são cunhadas de maneira a constituir os rios e os mares inexistentes em territórios fictícios.

Além da realização das pinturas, realizei levantamento bibliográfico, artigos e catálogos de artista com o intuito de referenciar minha produção e articular com o contexto e motivações dos artistas, como o catálogo *Leonilson: truth and fiction*, a publicação da artista Marina Camargo *Como Faz um Deserto*, bem como os livro de Jacopo Crivelli *Novas Derivas* e do Francesco Careri *Walkscapes: caminhar como prática estética*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Me propus a pensar o território geográfico na linguagem da pintura e tomei a pintura como um território. Dentro desta experiência, pintar é explorar fronteiras, manchá-las e criar novos espaços. Produzi telas de pequeno e médio formato no intuito de elaborar uma grandeza escalar contida num enquadramento menor, semelhante a lógica representativa dos mapas. As suas delimitações não indicam um lugar do mapeamento cartesiano e sim um lugar em que a ficção se utiliza da cartografia para encontrar sua realidade. Os territórios não invocam espaços reais, são perpassados por mapas encontrados em representações de livros de geografia e têm o processo evidente, numa espécie de *bad painting*, sua construção envolve também minha imaginação e a própria necessidade de composição pictórica.



Procurei tratar às fronteiras e territórios com pinceladas densas construídas por camadas de cor que se eivam. As pinturas são carregadas da mistura de tinta acrílica e guache, que estrutura os territórios e, a tinta a óleo adensa determinadas regiões desse lugar. Há uma dissolução em certas áreas que contrastam com a massa de outras. Quanto a isso, procuro olhar para a construção cartográfica de Cristina Barros e Leonilson. Barros, ao pintar diretamente em mapas, dissolve o espaço com sua fatura lavada, fazendo com que os elementos gráficos surjam e se confundam em meio à espacialidade em sua fatura rala e bem estruturada pela sucessão de camadas, faz com que a imagem se forme e se dissolva através da vibração cromática. Leonilson, em suas geografias psíquicas, consegue nomear e gerenciar sentimentos intangíveis, e a minha procura com as palavras vai de encontro a ele, onde procuro misturar o espaço físico ao espaço imaginário.

A minha busca encontra os dois artistas: elementos gráficos (grades, textos e direções) se confundem à espacialidade e a sucessão de camadas, com distintas faturas, procuram a irrupção de suas fronteiras - como num território geográfico. O que é um território além de uma invenção?

4. CONCLUSÕES

Os artistas citados aqui (Barros e Leonilson) têm procedimentos comuns aos cartógrafos, assim como eu: lidam com as plataformas de criação de mapas, com as representações espaciais, revelando como tais mecanismos históricos se tornaram motes para a criação. Os cartógrafos mais antigos como Ptolomeu e Copérnico têm em suas projeções a representação de um imaginário popular, seja esta relacionada a seu contexto. A partir de Mercator e a cedência de uma cartografia cartesiana junto ao peso político que o mapa passa carregar em diferentes procedimentos autorais é que o artista passa a dar a ver novas configurações sensíveis e perspectivas estéticas, subvertendo as lógicas científicas e as lógicas objetivas que desconsideram a experiência do imaginário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARERI, Francesco. **Walkscape: O caminhar como prática estética**. São Paulo. Editora GG Brasil, 2013.

CRIVELLI, Jacopo. **Novas Derivas**. Mundo da Arte. São Paulo: Editora WMF, 2014.

LARROSA, Jorge Bondía. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação Nº 19, 2002.

PEDROSA, Adriano (org). **Leonilson: truth, fiction**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2014

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica**. In BRITES, Bianca, TESSLER, Elida (Org.), O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas. Porto alegre: Editora da UFRGS, 2002

SANTOS, Douglas. **A reinvenção do espaço: Diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.